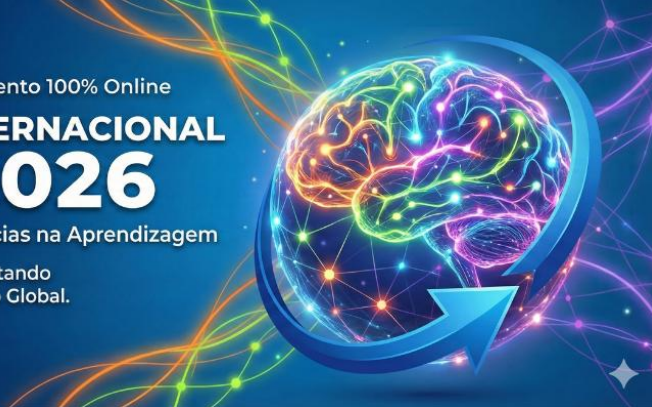




## **FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EQUIDADE DE GÊNERO NA MEDICINA VETERINÁRIA: AVANÇOS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE**

**Eliomar Oliveira da Silva;** [eliomaraararipina@gmail.com](mailto:eliomaraararipina@gmail.com);

**Universidade Federal de Sergipe**

**Esther Heloisa Tavares Bastos;** [Esthertavares2004@gmail.com](mailto:Esthertavares2004@gmail.com);

**Universidade Federal de Sergipe**

**Guilherme Gomes da Macena;** [Guilherme.macena.gomes@gmail.com](mailto:Guilherme.macena.gomes@gmail.com);

**Universidade Federal de Sergipe**

**Jean Alves de Araujo;** [jeanarj1010@gmail.com](mailto:jeanarj1010@gmail.com);

**Universidade Federal de Sergipe**

**Ruth Nascimento Reis;** [ruthnascimentoreis28@gmail.com](mailto:ruthnascimentoreis28@gmail.com)

**Universidade Federal de Sergipe**

**Glenda Lídice Cortez Marinho Silva;** [glendamarinho@academico.ufs.br](mailto:glendamarinho@academico.ufs.br);

**Universidade Federal de Sergipe**

**Modalidade:** Artigo

**Área Temática:** Educação Inclusiva, Equidade e Acessibilidade Digital

### **Resumo**

A feminização da Medicina Veterinária tem se intensificado nas últimas décadas no Brasil, ampliando significativamente a presença feminina na profissão. Entretanto, o crescimento quantitativo não implica, necessariamente, superação das desigualdades estruturais historicamente construídas. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar como o processo de feminização da Medicina Veterinária se articula com desafios relacionados à divisão sexual do trabalho e à inserção profissional das mulheres. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura de abordagem qualitativa. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, Portal de Periódicos CAPES, ScienceDirect, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PePSIC, com complementação no Google Scholar. Foram utilizados descritores em português e inglês relacionados à temática de gênero e profissão veterinária. Foram incluídos artigos que abordassem diretamente a inserção ou atuação profissional de mulheres na Medicina



Veterinária. Após triagem e leitura integral dos textos elegíveis, os estudos foram analisados por meio de síntese temática. Os resultados indicam que, apesar do crescimento da participação feminina na profissão, persistem padrões de segregação ocupacional, especialmente na distinção entre atuação em animais de companhia e produção animal. Observa-se predominância feminina em áreas associadas ao cuidado e presença masculina mais expressiva em setores historicamente vinculados ao trabalho rural e produtivo. Conclui-se que a feminização da Medicina Veterinária representa avanço no acesso feminino à profissão, porém não garante, por si só, equidade estrutural, sendo necessárias transformações institucionais, educacionais e culturais para a redução efetiva das desigualdades de gênero.

**Palavras-chave:** Divisão sexual; feminização profissional; gênero; inserção profissional

## Introdução

A Medicina Veterinária constituiu-se historicamente como uma profissão marcada pela predominância masculina, especialmente em áreas vinculadas à produção animal e às demandas agropecuárias. No Brasil, a consolidação dos cursos superiores esteve inicialmente associada às forças armadas e à produção rural, setores tradicionalmente masculinizados (Barros, 2021). Contudo, nas últimas décadas, observa-se um processo de feminização da profissão, caracterizado pelo aumento expressivo do ingresso e da permanência de mulheres nos cursos de graduação e nos registros profissionais.

Dados do Conselho Federal de Medicina Veterinária indicam que, desde o início dos anos 2000, as mulheres passaram a representar mais de 50% dos novos registros profissionais, evidenciando uma mudança significativa no perfil demográfico da categoria (CFMV, 2013; CFMV, 2020). Esse fenômeno acompanha um movimento mais amplo de expansão do acesso feminino ao ensino superior brasileiro.

Entretanto, o crescimento quantitativo da presença feminina não implica, necessariamente, igualdade de condições no exercício profissional. Conforme argumenta Pierre Bourdieu (2012), as relações de gênero são estruturadas por mecanismos simbólicos que naturalizam hierarquias e distribuições desiguais de poder, perpetuando divisões sexuais do trabalho. No contexto das profissões, tais mecanismos podem resultar em segregação horizontal, quando homens e mulheres se concentram em áreas distintas e vertical, quando há desigualdade nos cargos de maior prestígio.

No campo da Medicina Veterinária, essa segmentação manifesta-se especialmente na distinção entre a atuação com animais de companhia, frequentemente associada às mulheres, e o trabalho com animais de produção, tradicionalmente percebido como espaço masculino (Barros, 2021). Essa divisão não se restringe ao mercado de trabalho, podendo ser observada ainda no processo formativo, por meio do chamado currículo oculto e das expectativas sociais que orientam escolhas profissionais.

Dessa forma, emerge uma tensão entre feminização numérica e permanência de desigualdades estruturais. A ampliação do acesso feminino à graduação representa um avanço em termos de inclusão educacional; contudo, a persistência de barreiras simbólicas e culturais sugere que a equidade de gênero na formação profissional ainda não foi plenamente alcançada.



Diante desse cenário, este estudo parte da seguinte questão norteadora: o aumento da participação feminina na Medicina Veterinária tem sido acompanhado por transformações efetivas nas estruturas formativas e nas oportunidades profissionais? Parte-se da hipótese de que, apesar da maioria feminina nos cursos e registros recentes, persistem mecanismos de segregação ocupacional que influenciam trajetórias acadêmicas e escolhas de área.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar, por meio de revisão de literatura, como o processo de feminização da Medicina Veterinária brasileira se articula com desafios relacionados à equidade de gênero na formação e na inserção profissional, contribuindo para o debate sobre educação inclusiva no ensino superior.

### **Fundamentação Teórica**

A compreensão da inserção feminina na Medicina Veterinária requer a articulação entre estudos de gênero, divisão sexual do trabalho e processos de feminização das profissões. Este capítulo apresenta os principais constructos teóricos que fundamentam a análise proposta.

#### ***Divisão sexual do trabalho***

A divisão sexual do trabalho constitui um dos pilares analíticos para compreender as desigualdades de gênero nas profissões e nas estruturas sociais contemporâneas. Conforme argumenta Pierre Bourdieu (2012), as sociedades organizam-se a partir de sistemas simbólicos que naturalizam diferenças entre homens e mulheres, atribuindo-lhes funções sociais distintas e hierarquizadas. Essa distribuição não se limita ao âmbito privado, mas influencia diretamente a organização do mercado de trabalho e das profissões. Assim, determinadas áreas passam a ser socialmente percebidas como “masculinas” ou “femininas”, reproduzindo desigualdades estruturais. Esses sistemas simbólicos produzem e reproduzem estruturas de poder que influenciam não apenas as relações familiares, mas também a organização das instituições e do mercado de trabalho.

Historicamente, os homens foram associados às atividades produtivas, públicas e remuneradas, enquanto as mulheres foram vinculadas ao espaço doméstico e às atividades de cuidado. Essa distribuição, entretanto, não se limita ao âmbito privado, mas exerce influência direta sobre a configuração das profissões, a distribuição de oportunidades e a valorização social das diferentes ocupações. Nesse sentido, Kergoat (2009) destaca que a divisão sexual do trabalho se baseia em dois princípios fundamentais: o princípio da separação e o princípio da hierarquização.

O primeiro estabelece a distinção entre atividades consideradas masculinas e femininas, enquanto o segundo atribui maior valor social, econômico e simbólico às atividades associadas aos homens. Essa lógica contribui para a manutenção de desigualdades persistentes no mercado de trabalho, incluindo diferenças salariais, barreiras à ascensão profissional e segregação ocupacional. De acordo com Saffioti (2004), essas desigualdades estão profundamente relacionadas às estruturas históricas do patriarcado, que influenciam as formas de organização social e econômica.

Mesmo com o aumento da participação feminina no ensino superior e em diversas áreas profissionais, persistem mecanismos institucionais e culturais que limitam a plena equidade de



gênero. Esses mecanismos podem manifestar-se por meio de estereótipos profissionais, expectativas sociais diferenciadas e processos de discriminação implícita (Katic, 2012).

No campo da Medicina Veterinária, a divisão sexual do trabalho pode ser observada na distribuição desigual entre áreas de atuação. Enquanto a clínica de pequenos animais apresenta crescente presença feminina, setores relacionados à produção animal e ao agronegócio permanecem majoritariamente masculinos. Essa configuração evidencia que a presença quantitativa das mulheres em determinada profissão não implica necessariamente a superação de padrões estruturais de desigualdade (Kergoat, 2009).

Conforme destaca Scott (1995), o gênero deve ser compreendido como uma categoria analítica que estrutura relações de poder e organiza práticas sociais. Dessa forma, analisar a divisão sexual do trabalho no contexto da Medicina Veterinária permite compreender como processos históricos, culturais e institucionais influenciam a formação profissional, as escolhas de carreira e as oportunidades de atuação no campo veterinário.

### ***Feminização das profissões***

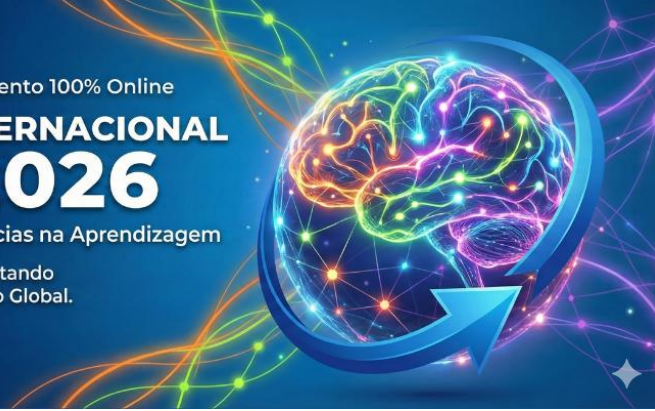
O conceito de feminização refere-se ao aumento expressivo da presença feminina em determinadas áreas profissionais. No Brasil, esse processo tornou-se mais evidente a partir da ampliação do acesso das mulheres ao ensino superior, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. A expansão das políticas educacionais, a democratização do acesso às universidades e as mudanças nas dinâmicas familiares e produtivas contribuíram para o aumento da participação feminina em diferentes campos profissionais (Vet Futures, 2015).

No caso da Medicina Veterinária, dados do Conselho Federal de Medicina Veterinária indicam que, desde o início dos anos 2000, as mulheres passaram a representar a maioria entre os novos registros profissionais, evidenciando uma mudança significativa no perfil demográfico da categoria (CFMV, 2013; CFMV, 2020). Entretanto, a literatura sociológica aponta que a feminização numérica não implica, necessariamente, valorização social ou igualdade de condições no exercício profissional.

Em muitos contextos, o aumento da presença feminina ocorre acompanhado de processos de reconfiguração simbólica das profissões, nos quais determinadas atividades passam a ser associadas a atributos culturalmente considerados femininos, como cuidado, sensibilidade e empatia. Esse fenômeno pode resultar na concentração das mulheres em áreas específicas dentro da mesma profissão, reforçando padrões de segregação ocupacional. Nesse sentido, autores que analisam as transformações no mercado de trabalho destacam que a feminização pode coexistir com desigualdades estruturais relacionadas a remuneração, reconhecimento profissional e acesso a posições de liderança (Kergoat, 2009).

Conforme argumenta Scott (1995), as relações de gênero constituem estruturas sociais que organizam o poder e influenciam a forma como determinadas atividades são valorizadas ou desvalorizadas. Assim, a ampliação da presença feminina em uma profissão não garante, por si só, a redistribuição equitativa de prestígio, poder ou reconhecimento institucional.

No campo da Medicina Veterinária, esse processo manifesta-se de maneira particular. Embora o número de mulheres tenha crescido significativamente nos cursos de graduação e nos registros profissionais, observa-se que a distribuição entre as áreas de atuação permanece marcada por distinções de gênero. A clínica de pequenos animais, por exemplo, apresenta



elevada presença feminina, enquanto áreas relacionadas à produção animal, manejo de grandes animais e setores do agronegócio ainda são predominantemente ocupadas por homens (Witz, 2013).

Esse padrão evidencia que a feminização da profissão ocorre de forma heterogênea, influenciada por fatores históricos, culturais e institucionais que orientam as trajetórias profissionais. Dessa forma, compreender o processo de feminização da Medicina Veterinária requer não apenas a análise de indicadores quantitativos, mas também a investigação das dinâmicas sociais que moldam as escolhas de carreira, as oportunidades de inserção e os desafios enfrentados pelas mulheres no campo profissional veterinário (Katic, 2012).

### ***Segregação ocupacional: horizontal e vertical***

A segregação ocupacional constitui um dos principais mecanismos por meio dos quais as desigualdades de gênero se manifestam no mercado de trabalho. Esse fenômeno pode assumir duas formas principais: segregação horizontal e segregação vertical. A segregação horizontal refere-se à concentração de homens e mulheres em diferentes áreas ou especializações dentro de uma mesma profissão, enquanto a segregação vertical diz respeito às desigualdades no acesso a cargos de maior prestígio, poder decisório, reconhecimento institucional e remuneração (CFMV, 2020).

No caso da segregação horizontal, observa-se que determinadas atividades passam a ser socialmente associadas a atributos considerados masculinos ou femininos, o que influencia escolhas profissionais e trajetórias de carreira. Profissões ou áreas que envolvem cuidado, assistência ou interação direta com pessoas e animais tendem a ser culturalmente associadas ao feminino, enquanto atividades relacionadas à produção, liderança técnica ou manejo de grandes sistemas produtivos costumam ser associadas ao masculino. Esses padrões refletem construções sociais historicamente estabelecidas que orientam expectativas e oportunidades no mercado de trabalho (Kergoat, 2009).

Já a segregação vertical manifesta-se quando, mesmo em profissões nas quais as mulheres representam parcela significativa da força de trabalho, os cargos de maior prestígio ou liderança permanecem predominantemente ocupados por homens. Esse fenômeno tem sido frequentemente descrito na literatura como “teto de vidro”, expressão utilizada para caracterizar barreiras invisíveis que dificultam a ascensão profissional feminina, mesmo quando as mulheres apresentam qualificação equivalente ou superior à dos homens (Witz, 2013).

No campo da Medicina Veterinária, observa-se a presença simultânea dessas duas formas de segregação. Estudos indicam que há maior presença feminina na clínica de animais de companhia, especialmente na medicina de cães e gatos, enquanto áreas relacionadas à produção animal, manejo de grandes animais e atividades vinculadas ao agronegócio permanecem majoritariamente masculinas (Barros, 2021). Essa distribuição evidencia que, apesar da crescente feminização da profissão, a divisão sexual do trabalho ainda exerce forte influência sobre a organização das áreas de atuação veterinária.

Além disso, pesquisas apontam que mulheres que optam por atuar em áreas tradicionalmente masculinizadas podem enfrentar desafios adicionais relacionados à aceitação profissional, reconhecimento de competência técnica e oportunidades de progressão na carreira. Tais dificuldades não estão necessariamente associadas à capacidade profissional, mas a



padrões culturais e institucionais que historicamente estruturaram o campo veterinário (Vet Futures, 2015).

Nesse contexto, a análise da segregação ocupacional na Medicina Veterinária revela que o aumento da presença feminina na profissão não implica automaticamente a superação de desigualdades estruturais. Pelo contrário, evidencia a necessidade de compreender como processos históricos, culturais e institucionais continuam a influenciar a distribuição de oportunidades e trajetórias profissionais no campo veterinário. Dessa forma, a discussão sobre segregação ocupacional torna-se fundamental para compreender os desafios relacionados à promoção da equidade de gênero na formação acadêmica e no exercício profissional na Medicina Veterinária (Irvine; Vermilya, 2010).

### ***Formação acadêmica e reprodução de desigualdades***

As desigualdades profissionais não se originam exclusivamente no mercado de trabalho, mas podem ser identificadas ainda no processo formativo. A formação universitária constitui um espaço social no qual são produzidos e reproduzidos valores, expectativas e práticas que influenciam escolhas acadêmicas e trajetórias profissionais. Nesse contexto, as instituições de ensino superior não apenas transmitem conhecimentos técnicos e científicos, mas também participam da construção de identidades profissionais e da definição de papéis sociais (Saffioti, 2004).

Um dos conceitos centrais para compreender esse fenômeno é o de currículo oculto, entendido como o conjunto de normas, valores, comportamentos e mensagens implícitas transmitidas no ambiente acadêmico, muitas vezes de forma não intencional. Diferentemente do currículo formal — composto pelos conteúdos e disciplinas explicitamente previstos nos projetos pedagógicos — o currículo oculto manifesta-se por meio das interações cotidianas, das expectativas docentes, da organização das atividades práticas e das representações simbólicas presentes no espaço universitário. Esses elementos podem reforçar estereótipos de gênero e influenciar percepções sobre quais áreas profissionais seriam mais adequadas para homens ou para mulheres (Barros, 2021).

No contexto da formação em Medicina Veterinária, essas dinâmicas podem influenciar a forma como estudantes percebem as possibilidades de atuação profissional ao longo da graduação. Experiências acadêmicas, estágios, atividades práticas e interações com docentes e profissionais da área contribuem para orientar escolhas de carreira. Em alguns casos, determinadas áreas de atuação podem ser implicitamente associadas a atributos considerados masculinos ou femininos, o que tende a direcionar expectativas e decisões profissionais (Witz, 2013).

Além disso, fatores institucionais e culturais presentes no ambiente universitário também podem contribuir para a reprodução de desigualdades de gênero. A menor presença feminina em determinadas áreas de especialização, a escassez de modelos de referência em posições de liderança e a persistência de estereótipos profissionais podem influenciar a autopercepção das estudantes e suas aspirações de carreira. Esses aspectos evidenciam que a formação acadêmica não é um processo neutro, mas um espaço no qual se articulam saberes científicos, práticas sociais e relações de poder (England, 2010).



Nesse sentido, compreender a feminização da Medicina Veterinária exige considerar não apenas a ampliação do acesso feminino ao ensino superior, mas também as dinâmicas formativas que moldam as trajetórias profissionais ao longo da graduação. A análise do processo formativo permite identificar como expectativas sociais, práticas pedagógicas e representações culturais influenciam a distribuição de homens e mulheres nas diferentes áreas da profissão veterinária (Bourdieu, 2012).

Assim, discutir a formação acadêmica sob a perspectiva de gênero torna-se fundamental para compreender a persistência de desigualdades profissionais e para promover ambientes educacionais mais inclusivos. A incorporação dessa abordagem no ensino superior pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade, ampliem as possibilidades de atuação profissional e favoreçam maior equidade de oportunidades no campo da Medicina Veterinária.

### **Metodologia**

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, de abordagem qualitativa, conduzida com o objetivo de identificar, analisar e sintetizar produções científicas relacionadas à atuação da mulher na Medicina Veterinária. A opção por esse delineamento metodológico justifica-se pela necessidade de reunir evidências disponíveis de forma estruturada e transparente, permitindo maior rigor na análise do fenômeno investigado.

A busca bibliográfica foi realizada em bases de dados nacionais e internacionais, a saber: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal de Periódicos CAPES, Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS MS), ScienceDirect e PePSIC. Como estratégia complementar, utilizou-se também o Google Acadêmico para ampliar o rastreamento de publicações pertinentes ao tema. As buscas foram conduzidas a partir de combinações de termos relacionados à temática de gênero e Medicina Veterinária, considerando publicações em português e inglês.

Foram incluídos no estudo artigos científicos publicados preferencialmente nos últimos 10 anos, considerando-se a atualidade das discussões sobre gênero e profissão veterinária. Entretanto, obras clássicas da literatura sociológica e dos estudos de gênero foram mantidas como referencial teórico fundamental para a análise do fenômeno investigado. Após a etapa de identificação dos estudos, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos para triagem inicial, seguida da leitura integral dos textos selecionados. Os artigos incluídos foram analisados conforme os objetivos do estudo, e os dados extraídos foram organizados de maneira sistemática, buscando identificar categorias temáticas, recorrências e padrões interpretativos relacionados à feminização da profissão, divisão sexual do trabalho e desafios na inserção profissional. A síntese das informações fundamentou as discussões e conclusões apresentadas neste artigo.

Por tratar-se de pesquisa baseada exclusivamente em dados secundários de domínio público, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

### **Resultados**

A análise dos estudos selecionados evidenciou que a feminização da Medicina Veterinária ocorre de maneira não homogênea entre as diferentes áreas de atuação profissional.



Embora haja crescimento expressivo da presença feminina na profissão, os achados indicam a permanência de uma divisão sexual do trabalho no interior do campo veterinário (CFMV, 2020).

Os estudos apontam que essa divisão se manifesta principalmente na dicotomia entre atuação com animais de companhia e animais de produção. Observa-se maior concentração feminina na clínica de pequenos animais, especialmente cães e gatos, enquanto as áreas relacionadas à produção animal — como bovinocultura, equinocultura, suinocultura e outras atividades do agronegócio — permanecem majoritariamente masculinas. Conforme destacado por Barros (2021), apesar da diversidade de áreas que compõem a Medicina Veterinária, essa pluralidade tende a ser reduzida, na prática, à oposição entre clínica de pequenos animais e atuação no campo.

Os resultados também indicam que a consolidação histórica da Medicina Veterinária no Brasil contribuiu para essa segmentação. O surgimento e fortalecimento dos cursos superiores estiveram inicialmente vinculados às forças armadas, especialmente à demanda por profissionais para o cuidado de equinos, e posteriormente à produção agropecuária, setores tradicionalmente associados ao trabalho masculino. A tabela 01, demonstra os principais achados na literatura sobre a temática.

**Tabela 01.** Síntese dos principais achados da revisão sobre feminização da Medicina Veterinária

| <b>Categoria de análise</b>       | <b>Evidências identificadas na literatura</b>                                                                                                    | <b>Implicações para a profissão veterinária</b>                                                                         |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Feminização da profissão          | Crescimento significativo da participação feminina nos cursos de graduação e nos registros profissionais nas últimas décadas (CFMV, 2013; 2020). | Mudança no perfil demográfico da profissão veterinária, com maior presença feminina no exercício profissional.          |
| Segregação ocupacional horizontal | Concentração feminina na clínica de pequenos animais e predominância masculina em áreas de produção animal e agronegócio (Barros, 2021).         | Manutenção da divisão sexual do trabalho dentro da profissão veterinária.                                               |
| Estrutura histórica da profissão  | Origem da Medicina Veterinária vinculada às forças armadas e à produção agropecuária, setores tradicionalmente masculinizados.                   | Influência de fatores históricos na organização das áreas de atuação e nas percepções sobre competências profissionais. |
| Barreiras à inserção feminina     | Mulheres em áreas de produção animal enfrentam desafios relacionados à aceitação profissional, reconhecimento técnico e desigualdade salarial.   | Persistência de obstáculos institucionais e culturais que dificultam a plena equidade de gênero na profissão.           |
| Influência da formação acadêmica  | Expectativas sociais e experiências formativas podem desencorajar a                                                                              | Necessidade de estratégias educacionais que promovam                                                                    |



permanência feminina em áreas  
tradicionalmente masculinizadas.

maior equidade de gênero na  
formação veterinária.

**Fonte:** Autores (2026)

Adicionalmente, os estudos analisados evidenciam que mulheres que optam por atuar em áreas de produção animal enfrentam desafios relacionados à aceitação profissional, à percepção de competência técnica e à desigualdade salarial. Apesar de dados do Conselho Federal de Medicina Veterinária indicarem a presença feminina em múltiplas áreas de atuação, incluindo assistência técnica em produção animal, tais inserções ainda ocorrem em contextos marcados por obstáculos estruturais e culturais (Saffioti, 2004; CFMV, 2013).

Por fim, observou-se que essas barreiras podem influenciar trajetórias profissionais ainda durante a formação acadêmica, desencorajando a permanência feminina em áreas historicamente masculinizadas.

## Discussão

Os resultados desta revisão evidenciam que a feminização da Medicina Veterinária, embora consolidada em termos numéricos, não se traduz automaticamente em equidade estrutural no exercício profissional. Esse achado confirma a hipótese inicial deste estudo, segundo a qual o aumento da participação feminina na profissão não elimina, por si só, mecanismos históricos de segregação ocupacional. Fenômeno semelhante tem sido observado em diversas áreas profissionais nas quais a ampliação da presença feminina ocorre paralelamente à manutenção de hierarquias simbólicas e estruturais no mercado de trabalho (England, 2010; Witz, 2013).

Os dados analisados demonstram a permanência da divisão entre pequenos e grandes animais como principal expressão da segregação horizontal no campo veterinário. Essa tendência já havia sido apontada por Barros (2021), que identificou a concentração feminina na clínica de animais de companhia e a predominância masculina na produção animal. Estudos internacionais também indicam padrões semelhantes, demonstrando que a feminização da profissão veterinária ocorre de maneira desigual entre as diferentes áreas de atuação, com maior presença feminina em atividades clínicas e menor participação em setores produtivos e rurais (Irvine; Vermilya, 2010; Vet Futures, 2015). Os resultados aqui sistematizados reforçam essa constatação, evidenciando que a segmentação profissional permanece como característica estrutural da área.

À luz da teoria da dominação masculina de Pierre Bourdieu (2012), tais padrões podem ser compreendidos como produto de processos históricos de socialização que associam atributos como força física, liderança técnica e autoridade ao masculino, enquanto vinculam cuidado e sensibilidade ao feminino. Esses esquemas simbólicos contribuem para naturalizar a presença masculina em áreas rurais e produtivas, dificultando o reconhecimento da competência feminina nesses espaços. Conforme argumenta Bourdieu (2012), tais disposições são internalizadas socialmente e reproduzidas por meio de práticas institucionais e culturais que tendem a perpetuar desigualdades de gênero.

Essa dinâmica também pode ser analisada a partir do conceito de divisão sexual do trabalho desenvolvido por Danièle Kergoat (2009), segundo o qual as sociedades organizam o trabalho com base nos princípios de separação e hierarquização entre atividades masculinas e



femininas. No caso da Medicina Veterinária, observa-se não apenas a separação entre áreas de atuação, mas também uma hierarquização simbólica que tende a atribuir maior prestígio técnico e econômico às áreas historicamente ocupadas por homens. Tal estrutura reforça desigualdades que ultrapassam a dimensão individual e se inserem em padrões sociais mais amplos que organizam o funcionamento das profissões.

Além disso, conforme argumenta Heleieth Saffioti (2004), as relações de gênero no mercado de trabalho são atravessadas por elementos estruturais do patriarcado que influenciam oportunidades, reconhecimento e valorização profissional. Mesmo quando as mulheres alcançam maior presença numérica em determinadas profissões, isso não implica, necessariamente, redistribuição de poder ou superação de assimetrias salariais e hierárquicas. No contexto veterinário, essa reflexão ajuda a compreender por que a feminização não elimina completamente barreiras à atuação em segmentos tradicionalmente masculinizados. No plano teórico, os achados reforçam a importância de analisar a feminização das profissões para além de indicadores quantitativos.

Conforme destaca Scott (1995), o gênero deve ser entendido como categoria analítica que estrutura relações de poder, moldando instituições e práticas sociais. Assim, a ampliação da presença feminina pode coexistir com desigualdades salariais, barreiras de ascensão e segmentação de áreas de atuação. De maneira semelhante, estudos sobre feminização profissional indicam que mudanças demográficas nas profissões nem sempre são acompanhadas por transformações equivalentes nas estruturas de poder e reconhecimento institucional (England, 2010).

Do ponto de vista institucional e profissional, os resultados indicam a necessidade de estratégias voltadas à promoção da igualdade de oportunidades. Isso envolve políticas de incentivo à atuação feminina em áreas historicamente masculinizadas, programas de mentoria acadêmica e profissional, revisão de práticas formativas e combate a estereótipos no ambiente universitário e no mercado de trabalho. A formação universitária desempenha papel central nesse processo, uma vez que expectativas e experiências vivenciadas durante a graduação podem influenciar escolhas profissionais e trajetórias de carreira (CFMV, 2013; CFMV, 2020).

Entretanto, este estudo apresenta limitações que devem ser consideradas. Por tratar-se de revisão sistemática baseada em dados secundários, os resultados dependem da disponibilidade e da qualidade das produções científicas existentes sobre o tema. Além disso, a escassez de pesquisas empíricas recentes específicas sobre gênero na Medicina Veterinária pode ter limitado a abrangência das análises. Essa lacuna evidencia a necessidade de ampliar investigações que abordem a profissão veterinária a partir da perspectiva de gênero (Barros, 2021).

Diante dessas limitações, sugere-se que pesquisas futuras aprofundem a temática por meio de estudos empíricos, incluindo entrevistas com profissionais, análises comparativas entre instituições de ensino e investigações sobre desigualdade salarial, progressão de carreira e acesso a posições de liderança. Estudos longitudinais também podem contribuir para compreender de que maneira a feminização da profissão impactará sua estrutura organizacional nas próximas décadas (Scott, 1995).

Assim, a discussão aqui apresentada evidencia que a feminização da Medicina Veterinária representa um avanço significativo no acesso feminino à profissão, mas não



configura, de forma automática, a superação das desigualdades historicamente construídas no campo profissional. A promoção da equidade de gênero na área depende de transformações institucionais, culturais e formativas que ampliem as oportunidades de atuação feminina em todas as áreas da profissão veterinária (CFMV, 2020).

### **Considerações finais**

Embora tenha ocorrido um crescimento expressivo da participação feminina na profissão nas últimas décadas, persistem padrões estruturais de segregação ocupacional que influenciam a distribuição de homens e mulheres nas diferentes áreas de atuação veterinária. A análise da literatura demonstra que a distinção entre a clínica de animais de companhia e as áreas de produção animal constitui uma das principais expressões dessa segregação no campo profissional veterinário.

Tal configuração revela que a feminização da profissão ocorre de forma heterogênea e que a ampliação da presença feminina não implica, necessariamente, superação das desigualdades historicamente construídas no mercado de trabalho. Do ponto de vista teórico, os resultados reforçam a relevância das abordagens sociológicas que discutem a divisão sexual do trabalho e as relações de poder estruturadas pelo gênero.

No plano institucional e educacional, os achados indicam a necessidade de estratégias que promovam maior equidade de gênero na formação e no exercício profissional da Medicina Veterinária. Isso inclui a revisão de práticas formativas que possam reproduzir estereótipos de gênero, o incentivo à participação feminina em áreas historicamente masculinizadas e o fortalecimento de políticas acadêmicas e profissionais voltadas à promoção da igualdade de oportunidades.

Como limitação, destaca-se que a presente investigação se baseou exclusivamente em dados secundários disponíveis na literatura científica, o que pode restringir a abrangência empírica das análises. A escassez de estudos recentes específicos sobre gênero na Medicina Veterinária também evidencia a necessidade de ampliar pesquisas nessa área. Recomenda-se que investigações futuras aprofundem a temática por meio de estudos empíricos, incluindo análises quantitativas da distribuição de profissionais nas diferentes áreas da Medicina Veterinária, bem como pesquisas qualitativas que explorem as experiências, percepções e desafios enfrentados por mulheres no exercício da profissão.

Conclui-se, portanto, que a feminização da Medicina Veterinária representa um avanço significativo no acesso feminino à profissão, mas a consolidação da equidade de gênero depende de transformações institucionais, culturais e formativas que ampliem as oportunidades de atuação feminina em todas as áreas da profissão veterinária. A incorporação dessa perspectiva no ensino superior constitui um passo fundamental para a construção de ambientes acadêmicos e profissionais mais inclusivos, equitativos e socialmente comprometidos.

### **Referências**

Barros, R. A., 2021. Tornar-se médica(o) veterinária(o): o papel do currículo oculto e das trajetórias sociais na formação acadêmica. 145 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/28751>. Acesso em: 10 ago. 2023.



Bourdieu, P., 2012. A dominação masculina. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), 2013. Desafio para as profissionais: igualdade justa, verdadeira e sem gênero. Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Brasília, n. 58, p. 7–9.

Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), 2020. Censo da Medicina Veterinária 2020. Brasília. Disponível em: <https://www.cfmv.gov.br/centro/transparencia/2017-2020/2020/12/11/>. Acesso em: 01 jul. 2023.

England, P., 2010. The gender revolution: uneven and stalled. Gender & Society.

Irvine, L.; Vermilya, J., 2010. Gender work in a feminized profession: the case of veterinary medicine. Gender & Society.

Kergoat, D., 2009. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: UNESP. p. 67–75.

Katic, I., 2012. Pioneer female veterinarians. Historia Medicinae Veterinariae, v. 37, n. 1, p. 3–30.

Saffioti, H. I. B., 2004. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Scott, J., 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99.

Vet Futures, 2015. Taking charge of our future: a vision for the veterinary profession. Royal College of Veterinary Surgeons.

Witz, A., 2013. Professions and patriarchy. Routledge.